

**Trabalho** Puxado pela indústria, emprego informal dobra em relação a 1990 e chega a 20%; ocupação cresce pelo quinto mês consecutivo

# Contratação sem carteira faz o desemprego recuar

**Vera Saavedra Durão**  
Do Rio

O desemprego está diminuindo no país, mas os novos postos de trabalho, incluindo os da indústria, se caracterizam pela ausência de vínculo empregatício. Shyrlene Ramos de Souza, coordenadora da Pesquisa Mensal de Emprego (PME), do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), revelou que o percentual de empregados na indústria sem carteira assinada subiu para 20% nos primeiros seis meses deste ano. A taxa é o dobro da registrada no mesmo período de 1990.

“O trabalho informal ainda continua predominando no mercado de trabalho brasileiro”, declarou Shyrlene. Ela adiantou que dos 800 mil novos postos de trabalho abertos no período de um ano, 196 mil eram emprego com carteira, 418 mil sem cartei-

ra, 142 mil conta própria e 19 mil empregadores.

Em julho a taxa de desemprego medida pela PME nas seis maiores regiões metropolitanas do país foi de 7,17% da população economicamente ativa (PEA), apresentando queda ante os 7,41% de junho e os 7,5% de julho do ano passado. Este é o quinto mês consecutivo de redução da taxa de desemprego, na comparação com o mês anterior, destacou Shyrlene. Tal desempenho consolida a tendência de redução do indicador.

A economista atribuiu o fenômeno a retomada do crescimento econômico, que vem aquecendo todos os setores de atividade. Mas, adverte que o desemprego não deve cair significativamente porque mais pessoas entram no mercado de trabalho e a taxa de expansão do Produto Interno Bruto (PIB), ainda no patamar de

3%, não é suficiente para absorver todo este pessoal. “Para reduzir significativamente o desemprego o Brasil tem de crescer acima de 5%”.

O Rio de Janeiro continua sendo a região metropolitana que detém a menor taxa de desemprego do país. O fato se deve ao tamanho da economia informal na região. O pessoal ocupado no Rio se concentra no setor de serviços (57,15%) e em outras atividades (10%). A indústria fluminense absorve 11% deste contingente, o comércio 15% e a construção civil, 6%.

Shyrlene ressalva ainda outro fator que influi nesta estatística: o grande número de pessoas idosas na população carioca. “Os idosos não pressionam o mercado, pois a maioria é de aposentados. Não podemos esquecer também o contingente expressivo de funcionários públicos que moram

no Rio”, disse a pesquisadora.

A PME mediu também a taxa de precariedade do emprego, que contabiliza os ocupados sem rendimento e os ocupados com rendimento inferior a um mínimo em relação a PEA. Esta taxa ficou em 17,5% em julho, correspondendo a mais de 5 milhões de pessoas que trabalham em condições precárias. Shyrlene mostrou preocupação com a qualidade do emprego nas capitais do Nordeste, onde a taxa de precariedade foi bem alta. alcançou 29,2% da PEA em Recife.

De junho para julho deste ano, a taxa de desemprego diminuiu na maioria das regiões pesquisadas. Em Recife, baixou de 8,7% para 8,2%, Belo Horizonte, 7,8% para 7,6%, Rio de Janeiro, 5,5% para 5,4%, São Paulo, 7,8% para 7,5% e Porto Alegre, 7,3% para 6,9%. Em Salvador, o indicador subiu de 9,4% para 9,6%.



Shyrlene: “O trabalho informal ainda predomina no mercado brasileiro”